



Nova Universidade de Lisboa forçada a vender edifícios

ATUAL PÁGS.6 E 7



Nova Universidade de Lisboa avança com venda de património

Financiamento. Edifícios da Técnica e da Clássica que ficam vazios com a junção de serviços podem ser vendidos para gerar receitas adicionais e construir alojamentos para os alunos. António Cruz Serra toma hoje posse como reitor

ANA BELA FERREIRA

A nova Universidade de Lisboa vai ter de vender património para contornar os cortes no financiamento público e poder construir residências universitárias, que o recém-eleito reitor considera “uma necessidade absoluta”. Em entrevista ao DN, António Cruz Serra, que hoje toma posse como primeiro reitor da maior universidade do País, criticou as limitações orçamentais e defendeu que esta seja diferente para as “universidades de referência”.

A união dos serviços da reitoria e de ação social são aqueles que mais espaço podem libertar nas instalações da Universidade de Lisboa (UL) e o reitor acredita que “nos próximos quatro anos” vai vender algum património. “Estamos muito mal servidos de residências de estudantes”, por isso “considero que vender algum património que não seja essencial é uma possibilidade que podemos encarar de frente. Como consequência dessa venda podemos construir residências de estudantes”, aponta Cruz Serra.

Esses edifícios ainda não estão escolhidos, mas terão de ser entre aqueles “onde não esteja a ser feito nem ensino nem investigação”. O processo de libertação de alguns espaços terá de ser feito “com cautela”, admite o novo responsável, e vai acontecer “nos próximos meses”.

Com este encaixe financeiro extra, a nova instituição de ensino superior português vai conseguir ali-

viar as contas e apostar na melhoria de outros serviços. Uma vez que o financiamento público é cada vez menos – o ensino superior sofreu um corte de 50% desde 2006 –, o que está a ameaçar a universidade portuguesa, alerta António Cruz Serra. “Estamos com níveis de financiamento que já não nos permitem manter a qualidade daquilo que fazíamos há uns anos. É imprescindível que o poder político perceba que as universidades precisam de ter mais financiamento, não aguentam nenhuma redução de financiamento.”

O ex-reitor da Universidade Técnica acrescenta ainda que se as instituições se mantêm a funcionar “sem que se note por aí além a degradação das condições de funcionamento, é pela grande autonomia de gestão que tiveram ao longo do tempo”. “Porque se estivéssemos a ser geridos com rédea muito curta pelo Ministério das Finanças, estávamos com muitos pagamentos em atraso ou com dívidas, ou provavelmente tinham bloqueado o funcionamento.”

Valores em dúvida

Apesar de no início do projeto de fusão das duas universidades, em 2011, ter existido compromisso de que não haveria cortes no financiamento da nova instituição, a verdade é que agora Cruz Serra já não tem tantas certezas em relação a essa promessa. Agora, a manutenção dos valores recebidos do

Estado “é uma coisa que terá de ser exigida todos os dias”.

“Nós tínhamos um compromisso do Governo de criar um regime de autonomia reforçada que seria aplicado não só à nossa universidade mas também a todas as outras a que o Governo decidisse aplicar. Estava subentendido que nessa autonomia reforçada estava uma série de condições que nos permitiam gerir melhor e poupar recursos.” No entanto, esse compromisso não está espelhado na proposta de alteração ao Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior (RJIES), que foi colocada à discussão na terça-feira da semana passada.

Defensor de que “só com recursos humanos mais qualificados é que o País pode sair da crise”, o novo reitor entende que o financiamento para o ensino superior deve ser aumentado, apesar da consciência de que é uma visão “politicamente incorreta”.

As dificuldades financeiras já se refletem no funcionamento da sua ex-universidade (a Técnica) onde “durante os últimos anos saíram centenas de professores, investigadores e funcionários não docentes e não tivemos recursos para os substituir”. Daqui resulta que não conseguimos dar as mesmas aulas, com o mesmo número de alunos por turma, fazer a mesma investigação. Por isso, é inevitável: “O valor total do financiamento tem de mudar.”


Atual 2 Ensino superior
**RISCO DE FECHO****Instituição açoriana precisa de 1,7 milhões**

› O reitor da Universidade dos Açores declarou ontem que a academia necessita de 1,7 milhões de euros até ao final do ano para assegurar o normal funcionamento dos seus três polos, localizados em Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta. “A Universidade dos Açores, com base nos cortes orçamentais que têm havido,

tem vindo a reduzir a sua atividade ao máximo, mas não restam dúvidas de que para chegar até final do ano desenvolvendo a sua atividade com parâmetros aceitáveis necessita de um reforço que anda à volta de 1,7 milhões de euros”, disse à agência Lusa Jorge Medeiros, na sequência de uma audição parlamentar.

ENTREVISTA: ANTÓNIO CRUZ SERRA*Reitor da Universidade de Lisboa*

“Temos de ter a propina máxima. Uma política diferente é fazer demagogia”

António Cruz Serra espera colocar a Universidade de Lisboa no 'top 20' do ensino superior da Europa, logo no primeiro mandato. O reitor, que hoje toma posse, adianta que não havia condições políticas nem vontade para juntar as três universidades públicas de Lisboa



A nova Universidade de Lisboa começa agora. Quais são os planos para o seu arranque e as metas estabelecidas para o mandato?

Os planos passam por organizar a melhor universidade portuguesa, sermos capazes de criar uma coesão nesta universidade que é feita de gente que vem de áreas científicas diversas. Pôr a trabalhar em conjunto as pessoas que têm estado separadas e onde há um grande potencial de cooperação e de fazer melhor investigação. Um grande desígnio da nova universidade é fazer investigação de muito alto nível e termos uma universidade capaz de competir com as melhores europeias. Claro que queremos fazer melhor ensino, ter muito mais relevância do ponto de vista nacional e internacional e isso permitirá atrair os melhores talentos quer estudantes, professores e investigadores. Fazer transferência de conhecimentos, sermos capazes de pôr na sociedade tudo aquilo que fazemos e, neste momento muito difícil que o País atravessa vamos lançar um grande – não lhe vou dar nome ainda – movimento dentro da universidade que levará à criação de propostas de políticas públicas nos mais variados aspetos da sociedade. Não nos ficaremos só pelas questões do ensino superior. É obrigação aparecerem propostas para promover o crescimento, que mostrem em que sectores podemos apostar, como devemos gerir o crescimento e o investimento necessário juntamente com as questões da dívida e, portanto, essa será seguramente uma das primeiras e grandes tarefas da nova universidade. **Esse será o grande projeto do primeiro ano?**

O primeiro ano de mandato tem muitos projetos importantes, porque nós temos a tarefa imensa de

organizar de imediato os serviços da reitoria e da ação social. Temos dois serviços em cada uma das universidades e vai ser preciso organizá-los. Temos a obrigação de promover a coesão e uma cultura de universidade. Portanto vamos ter de ter eventos em conjunto, desde culturais, desportivos, etc. E temos o grande projeto de começar ainda no primeiro ano com investigação transdisciplinar na forma como foi designada nos estatutos da universidade de colégios.

Se não chegar ao topo das universidades europeias, será um fracasso?

Chegaremos de certeza.

Em quanto tempo?

Sei que quer saber de *rankings*. Vou só falar de dois que são dos mais conhecidos. Temos o de Shanghai, onde as duas universidades estão entre a posição 400 e a 500 e, só como efeito da fusão, a nova universidade estará algures entre a posição 250 e a 300, de longe a melhor posição das universidades portuguesas e estará provavelmente à frente de todas as espanholas. Noutro *ranking*, que é o da Scimago, no instante posterior à fusão estaremos algures na posição 130, 135 a nível mundial. E dentro da Europa estaremos na posição 30. Espero que consigamos ter uma subida nestes *rankings*. Durante o primeiro mandato esperaria que no *ranking* da Scimago estejamos na posição 20 e tal na Europa. A fusão potencia uma posição nos *rankings* que nos dá muita visibilidade e que é importante na captação de recursos, nomeadamente internacionais.

Este projeto pode estar ameaçado pela falta de financiamento público?

O País está ameaçado. Acho que a universidade portuguesa está ameaçada porque o nível de financiamento público ultrapassou tudo

o que era imaginável. Tivemos uma redução de financiamento muito superior a todos os sectores da administração pública.

As propinas vão aumentar?

Com as condições de financiamento público que temos neste momento não temos outra escolha se não ter a propina máxima aprovada. Quem estiver a adotar política diferente está a fazer demagogia. A diferença entre a propina do ano passado e deste ano na Universidade de Lisboa no total é de 1,5 milhões de euros. É um valor do qual a universidade não tem condições de prescindir.

Vai haver cortes nos cursos?

Temos cursos que têm muita atratividade e uma sobreposição muitíssimo baixa e neste momento não vai haver cortes. Naturalmente se os protagonistas considerarem interessante fazer reorganizações de cursos entre as diferentes faculdades isso será acolhido de braços abertos, mas não prevejo uma grande mudança nesse ponto de vista. Vai ser mais nos programas de doutoramento e nos mestrados.

Este não era o momento ideal para juntar as três universidades públicas de Lisboa?

O momento ideal, não. Uma possibilidade de o fazer acho que sim e que é uma coisa que devemos encarar sempre. A fusão da Técnica e da Clássica tem um grau de complexidade imensamente inferior do que resultaria de considerar a Nova neste processo, desde logo porque esta tem uma oferta que se sobrepõe a quase todas as ofertas das outras universidades. Tenho a certeza de que jamais se conseguiria fundir as três universidades num espaço de tempo como o que o fizemos, também não havia condições políticas nem vontade para o fazer. Por outro lado, faz-nos bem termos competição em Lisboa.

PERFIL

› António Manuel da Cruz Serra nasceu em Coimbra em 1956.

› Licenciou-se em Engenharia Eletrotécnica na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, em 1978.

› **Natural de Coimbra, Cruz Serra fez o curso no Porto, começando logo em seguida a dar aulas no Instituto Superior Técnico, em Lisboa. Foi na instituição lisboeta que fez o mestrado e o doutoramento, sendo professor catedrático desde 2005. A par da carreira académica, Cruz Serra desempenhou vários cargos de gestão. Em 2009 foi o escolhido para o cargo de presidente do IST. Foi eleito reitor da Universidade Técnica em 2012, conduzindo o processo de fusão com a Universidade de Lisboa.**

Cronologia da fusão

O processo de fusão das duas maiores e mais antigas universidades de Lisboa demorou mais de dois anos

JULHO DE 2011

› **Início** Nomeação de um grupo de trabalho conjunto para estudar a fusão das duas maiores universidades lisboetas.

AGOSTO/DEZEMBRO 2011

› **Estudos** Realização de estudo prévio sobre viabilidade da fusão. Os senados das universidades são informados do processo.

FEVEREIRO DE 2011

› **Discussão** Apresentação pelos reitores aos conselhos gerais do documento "Uma nova Universidade de Lisboa", para discussão pública.

ABRIL DE 2012

› **Aprovação** Aprovação da versão final do documento pelos conselhos gerais.

ABRIL/MAIO DE 2012

› **Negociações** As universidades apresentam o programa de fusão ao Governo e iniciam negociações com o Executivo de Pedro Passos Coelho.

NOVEMBRO DE 2012

› **Lei** Governo aprova o Decreto-Lei com a criação da nova universidade e com o registo do património comum – desde o Estádio Universitário, a terrenos, armazéns, refeitórios e cantinas até campus universitários, passando pelo Jardim Botânico da Ajuda e o Hipódromo do Campo Grande, aos museus da Universidade de Lisboa.

DEZEMBRO DE 2013

› **Confirmação** Aprovado pelo Presidente da República, o Decreto-Lei é publicado em *Diário da República* a 31 de dezembro.

JANEIRO DE 2013

› **Inédito** As duas universidades fazem uma cerimónia de abertura do ano letivo conjunta.

ABRIL DE 2013

› **Estatutos** Os estatutos da nova Universidade de Lisboa são homologados pelo ministro da Educação e Ciência, Nuno Crato.

JULHO DE 2013

› **Eleição** O Conselho Geral da Universidade de Lisboa elege António Cruz Serra, reitor da Técnica e único candidato, para o cargo de reitor.